

O TEMPO DA PAUSA: REFLEXÕES SOBRE AS ARTES VISUAIS E A EDUCAÇÃO POPULAR NA CIDADE DE BELÉM.

THE PAUSE TIME: REFLECTIONS ABOUT VISUAL ARTS AND POPULAR EDUCATION IN THE CITY OF BELÉM.

Camila Freire/UFPA

RESUMO

O artigo integra uma pesquisa de mestrado em Artes, que tem por objetivo discutir o papel das Artes Visuais na formação de outras perspectivas culturais, para a cidade de Belém. O objeto de estudo refere-se à compreensão dos princípios da Educação Popular analisadas nas ações de mediações culturais do Projeto Circular. O Projeto ocorre em percursos de rua, a cada dois meses, com atrações voltadas para Arte, Cultura e Patrimônio. Contudo, no ano de 2020, a pesquisa e as ações do Projeto foram atravessadas pelo distanciamento social motivado pela pandemia da COVID-19, que modificou o modo de vivenciar as ações do projeto, que migraram do campo presencial para o digital. Reflito nesta comunicação as ressonâncias deste momento a partir de narrativas de três interlocutores entrevistados.

PALAVRAS-CHAVE

Artes Visuais; Mediação Cultural; Educação Popular; Projeto Circular.

ABSTRACT

The article integrates a master's research in Arts, which aims to discuss the role of Visual Arts in the formation of other cultural perspectives, for the city of Belém. The object of study refers to the understanding of the principles of Popular Education analyzed in the actions of cultural mediations in the Projeto Circular. The Projeto takes place on street tours, every two months, with attractions focused on Art, Culture and Heritage. However, in the 2020 year, the research and actions of the Circular were crossed by the social distance motivated by the COVID-19 pandemic, which changed the way of experience the actions of the Projeto Circular, which migrated from the on-site to the digital field. In this communication, I consider the

resonances of this moment based on the narratives of three interviewed interlocutors.

KEYWORDS

Visual arts; Cultural Mediation; Popular Education; Projeto Circular.

Introdução

Sensibilizada pelo atual cenário mundial da pandemia do Covid-19, iniciado neste ano de 2020, decidi produzir um escrito que visibilizasse o impacto das crescentes estatísticas de pessoas vitimadas no nosso Estado e mundialmente, na vida sociocultural das cidades. Neste sentido, destaco as práticas artísticas e culturais que atravessam o objeto de minha pesquisa acadêmica sobre Artes Visuais, realizada no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará, linha três: história, crítica e educação em Artes.

O referido estudo é uma análise sobre a mediação cultural realizada dentro do Projeto Circular, e como esta se aproxima das práticas metodológicas da Educação Popular. A pesquisa que realizo parte de um percurso reflexivo, que tem como interesse de investigação saber como as Artes Visuais podem estar modificando práticas socioculturais e a fruição artística e estética das pessoas na cidade de Belém¹. Para isto utilizo da abordagem etnográfica que me possibilita acompanhar as ações culturais realizadas dentro do Projeto Circular.

Deste modo, divido este primeiro momento do texto entre uma breve apresentação sobre o Projeto Circular, a problemática da pesquisa e como encontro as tensões e atravessamento do contexto de distanciamento social que estamos vivenciando neste primeiro semestre do ano de 2020. Ao final do texto pretendo circunscrever os atravessamentos dos processos educativos em Artes Visuais (pela mediação cultural) interrelacionados a vida e a Educação (pelo viés da Educação Popular), considerando as dimensões históricas, artísticas, estéticas e socioculturais.

Projeto Circular e o objeto da pesquisa

O Projeto Circular surge em 2014, na cidade de Belém, estado do Pará, com a proposta de fomentar a compreensão e ocupação do centro histórico da cidade, investindo em um circuito artístico, histórico e patrimonial, de modo a estimular a ressignificação do espaço urbano, os comércios tradicionais e as novas propostas de

empreendimentos pautados em lógicas de economia criativa e solidária associada às atividades culturais e artísticas. O Circular ocorre a cada dois meses, sempre aos domingos, onde cerca de 50 parceiros localizados nos bairros da Cidade Velha, Campina e Reduto disponibilizam eventos e atividades que ocorrem simultaneamente durante os períodos da manhã, tarde e parte da noite. Nestes, os visitantes podem usufruir gratuitamente de ações culturais realizadas por coletivos, associações, feiras e grupos, sendo possível também a visitação de ateliês, galerias, museus e espaços culturais (PROJETO CIRCULAR, 2020).

No ano de 2018, o Projeto Circular ganhou reconhecimento do IPHAN através do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, como uma iniciativa de excelência para a preservação da Cultura Material. O prêmio sinalizou positivamente o Projeto, pois respalda suas ações como processos significativos para a preservação do Patrimônio e do fomento da Identidade e da Cultura, propondo o fortalecimento de ambas e convidando os visitantes do Circular a repensá-las como parte inerente do tecido urbano local.

Participando com frequência das ocorrências do projeto comecei a percebê-lo em seu viés educativo e decidi investigar como as Artes Visuais, dentro do contexto do Projeto Circular, poderiam estar contribuindo para a construção e ampliação de novas narrativas sociais, principalmente no contexto artístico local. Para isso, levantei como hipótese que os processos de mediação realizados no Circular têm como característica práticas de Educação Popular, tendo em vista que esta é uma mobilização social e política que reconhece a classe popular como formadora de conhecimento por meio de práticas, experiências e vivências no mundo (FREIRE; NOGUEIRA, 1993). Ou seja, práticas pedagógicas muito próximas às realizadas nas propostas de mediação concretizadas pelos parceiros do Projeto Circular.

Estabelecida esta conexão, venho desenvolvendo esta pesquisa seguindo a ideia de Peirano (2006), o qual sinaliza que uma pesquisa etnográfica deve ser a própria teoria vivida, uma experimentação. Deste modo, venho praticando a observação participante etnográfica que, segundo Clifford (1998), é o momento em que começamos a vivenciar a pesquisa em si, pois é por meio dela que temos a oportunidade de participar de forma contínua entre o “interior e o exterior” dos acontecimentos, captando os fatos, os gestos e lendo seus significados dentro de seus contextos mais amplos. Assim, aproprio-me da etnografia e de seus recursos interpretativos para pautar meus procedimentos metodológicos de pesquisa sobre Artes Visuais² e Mediação Cultural, no âmbito epistêmico da Arte/Educação.

Do começo da pesquisa até a presente ocasião já houve três eventos do Circular, ocorridos nos meses de agosto, outubro e dezembro de 2019. Barbosa (2009) sinaliza a Arte como mediadora entre os seres humanos e o mundo, sendo a mediação cultural caracterizada por Coutinho (2009) como um processo interpretativo entre os sujeitos e seu entorno, o qual possibilita construir conhecimentos a partir de experiências pessoais de ambos. Compartilhando destas ideias escolhi presenciar atividades dentro do Projeto Circular, onde foi possível recolher informações, que resultaram no artigo "Percurso Visuais: Trajetos educativos para se (re)encontrar"³.

Onde, foi possível dialogar com 5 exposições, transversalizando seus temas com assuntos ligados ao abandono e degradação do centro histórico de Belém, apagamento de narrativas indígenas e caboclas na construção histórica oficial da cidade, ausência de mediação adequada para os museus locais e como isso fragiliza uma construção crítica acerca da história oficial. Além de discutir questões ambientais como ecocídios⁴ enfrentado por comunidades quilombolas, ribeirinhas e indígenas, assim como lutas feministas e questões acerca de decolonialidade, perspectivas políticas afro-diaspóricas e a militância LGBTQIA+, em suas perspectivas locais e nacionais.

Até o final de 2019, a pesquisa de mestrado vinha sendo construída de modo presencial, e preparava-se para a 30ª edição do Projeto Circular que ocorreria no primeiro domingo do mês de abril de 2020. No entanto, com o agravamento do número de casos do novo coronavírus no país e a necessidade do isolamento social, as atividades de rua, individuais, coletivas, públicas e privadas foram suspensas, sem datas para um possível retorno. Então, me vi em quarentena, com uma pesquisa paralisada e sem perspectiva de desdobramento de trabalho, que apesar das circunstâncias, não foi um momento de choque, mas sim um tempo de pausa.

Neste contexto, para minha grata surpresa, o Projeto Circular desenvolveu uma edição especial 100% digital. Utilizando-se de espaços como o Instagram e Facebook, o projeto proporcionou 14 horas de conteúdos artísticos diversos, os quais eram publicados a cada meia hora. Os conteúdos davam visibilidade para as ações culturais de artistas locais, assim como debates sobre patrimônio cultural e realização de mostras expositivas e de áudio visual.

Da Rua para o Digital

Belém é profundamente voltada para sua colonização europeia. A *Belle Époque Paraense*⁵ deixou, além de belas construções, marcas profundas de exclusão e apagamento de outras narrativas que também compuseram a construção da cultura

local. Caboclos, negros e indígenas tem uma forte marca cultural na cidade e pouco se reconhece de suas contribuições, principalmente quando pensamos em Arte e Cultura. Isso faz com que nossa noção cultural fique enrijecida apenas em um ponto de vista. O ponto de vista da colonização.

Segundo Paes Loureiro (2007), a criação artística, como a história individual, está socialmente presente em toda cultura, e não reservada a membros deste ou daquele grupo social. Desse modo, percebo o Projeto Circular como uma porta convidativa para que nós, nativos e turistas, ultrapassemos a lógica colonial e descubramos que a cultura local não se findou na *Belle Époque*. Continua viva e em constante trânsito de experiências e vivências produzidas por diversos e plurais sujeitos sociais que estão constantemente produzindo Arte.

Percebo esse movimento constantemente alimentado nas ações realizadas pelos parceiros do Projeto Circular, os quais, desde 2014, realizam atividades artísticas com a intenção primordial de trazer as pessoas para o centro histórico da cidade. O intuito é fazer com que circulem na rua e interajam entre si e com as Artes Visuais, possibilitando assim vivenciar o que de fato é nossa história e nossa cultura. Luciana Medeiros, assessora de imprensa do projeto, me contou que este processo ariscava ser afetado pelo atual contexto de isolamento social:

A nova ordem mundial contrariou um dos princípios originários do Circular, que é o de valorização do centro histórico de Belém, com incentivo a ocupação dos espaços e estreitamento das relações entre as pessoas que circulam, moram ou trabalham nesta área histórica da cidade. A Pandemia nos levou a dar uma guinada, repensar formatos, mas buscamos não perder nosso foco. A Pandemia nos pegou de assalto e foi preciso agir rápido. (Luciana Medeiros, 2020)

Esse Circular digital contou com aproximadamente 26 parceiros, entre professores, artistas visuais, músicos, atores, poeta, diretora de cinema, arquiteto, contador de histórias, palhaços trovadores e representantes de associações locais. Todos convidados a continuar apoiando o projeto, agora em sua versão digital. Essa mobilização com diversos sujeitos sociais engajados em dar visibilidade para as diferentes manifestações artísticas e para a Cultura local, mesmo em um momento tão sensível quanto o do distanciamento social, reforça a hipótese que eu havia levantado sobre a Educação Popular nas atividades do Projeto Circular.

A Educação Popular tem como uma de suas características a organização e a mobilização social, que busca chegar onde o Estado ainda não chega, não no intuito de desobrigá-lo, mas sim de exigir o cumprimento dos direitos. Para isso, é necessário organizar, em torno de um mesmo ideal, diversas pessoas que têm em

comum um compromisso ético-político com a transformação da sociedade (GADOTTI, 2012). A transformação social que interessa a essa pesquisa perpassa pelas Artes Visuais, que segundo Barbosa (2009) é uma forma de decodificação e interpretação do mundo, pois este é composto por imagens, e saber interpretá-las é uma forma de ler criticamente o que está nas entrelinhas.

Belém é rica em formas de manifestações artísticas, porém as Artes Visuais ainda são marcadas pelo estigma da elitização. Para acessá-la, você precisa deslocar-se a um local de “poder”, um museu, uma galeria ou ateliê. As pessoas precisam saber que podem, inclusive devem acessar qualquer um desses lugares, porém a realidade das políticas públicas e privadas de aproximação entre locais institucionalizadores das Artes e o público ainda são bem limitadas.

Em um dos momentos de observação participante, na 27ª edição do Circular, tive a oportunidade de conversar com Diógenes, assistente administrativo que estava responsável pela contagem de público do Museu do Forte do Presépio. Ele me relatou o aumento da movimentação no local após o museu integrante do SIMM⁶ ampliar seu horário de visitação aos domingos de ocorrência do Circular, de 9h às 17h, para atender ao público participante. Ou seja, uma constatação de que uma mobilização social bem articulada pode sim chamar atenção do poder público e provocar mudanças significativas para a sociedade.

Seria de grande perda se o projeto se privasse da responsabilidade da realização da 30ª edição, fato que felizmente não ocorreu. Este desdobrou-se em sua primeira versão digital, que ao meu ver, foi um grande acerto dos organizadores e parceiros e acima de tudo um ganho imensurável para a continuidade das manifestações artísticas e da Cultura local. Mostro abaixo a postagem de divulgação da 30ª edição do projeto no Instagram.



Figura 1: Foto de divulgação da 30ª edição do Projeto Circular. Fonte: Instagram

No artigo de Vieira e Silva (2016) há uma análise de como o Circular em 2016, com 6 mil seguidores, estava consolidando em sua página de Facebook, estratégias de divulgações das suas ações com a finalidade de agregar uma rede de parcerias que buscava gerar capital social capaz de promover não apenas a divulgação do Circular, mas também atrair interessados, apoiadores e artistas, bem como sujeitos que participassem do evento e corroborassem para a fixação e destaque deste no calendário e na agenda cultural da cidade. Hoje, o Instagram do projeto conta com um pouco mais de 12 mil seguidores, que geraram neste último Circular Digital cerca de 17 mil interações nos 115 *stories* e mais de 16 mil visualizações no IGTV, segundo dados disponibilizados pela página do projeto.

Isto, ao meu ver, é um indício importante de como a mobilização social conseguiu sair do *offline*, da rua, e fazer um movimento reverso, para o *online*, para a mídia social, por conta da representatividade que o projeto conseguiu projetar para a cultura local. Isto possibilita que as manifestações culturais continuem, mesmo em tempos de distanciamento social, cumprindo com seu papel de mediadoras da sociedade, pois, a partir do momento que o projeto postou todas as ações no Instagram, elas se tornaram imagens passíveis de interpretação que o público pôde e ainda pode acessar sem sair de casa. Isto, além de entretenimento, estimula leituras sociopolíticas, ao exemplo do trabalho do fotógrafo Guy Veloso⁷ que apresenta o vídeo “Bolsonaro cai em menos de 1 ano”, no qual o artista faz um vídeo curto do profeta Tonho da Cruz vaticinando que o atual presidente “não fica mais um ano no governo”.



Figura 2: “Penitentes – Profeta Tonho da Cruz” – Guy Veloso. Fonte: Instagram do Projeto.

A obra acima, de 2019, parece um prenúncio das adversidades políticas do Brasil para o ano de 2020, que para além das crenças imateriais e individuais instigou o público a interpretar, refletir e se manifestar, positivamente ou negativamente, nos comentários. Algo em específico desses comentários me chamou atenção, algumas pessoas comentavam que *“usar um espaço cultural para politizar era o fim da picada”, “algo lamentável e sem razão”*. Fiquei inquietamente consternada creio que seria mais produtivo que estivéssemos refletindo sobre prós e contras de uma possível mudança no cargo político mais importante do país, ao invés de ponderar, ainda, se a Arte deve ou não discutir política.

Segundo Rancière (2008), podemos considerar a Arte como uma prática política, porque ela demonstra os estigmas da dominação, ridiculariza os ícones reinantes ou simplesmente porque sai de seus lugares próprios para transformar-se em prática social. Compreendo que a política está em todas as nossas relações sociais, e discutida em todas as esferas, principalmente na cultural, fortalece o debate democrático e o pensamento crítico de um estado de direitos. Portanto, a Arte é Política.

Outro trabalho que me chamou atenção foi o do Igor Oliveira⁸, um dos artistas a quem entrevistei para a realização desse artigo. O trabalho apresentado por ele foi um vídeo curto onde mostra a técnica do estêncil em pequenos formatos.



Figura 3: “Sem título” – Igor Oliveira – Fonte: Instagram do projeto.

Seu trabalho me remeteu ao ano de 2013 quando, em meu segundo ano da graduação em Artes Visuais, tive a possibilidade de participar de um projeto chamado “R.U.A – Rota Urbana pela Arte”⁹, o qual tinha como intuito grafitar memórias e histórias do bairro da Cidade Velha, a partir de relatos coletados de moradores locais. Este trabalho fez com que eu conhecesse e experimentasse, de modo muito intenso e profundo, um bairro completamente diferente da faixa turística composta pela rota Estação das Docas¹⁰ – Ver o- Peso¹¹. Diferente dos turistas que apinham os locais turísticos próximo ao bairro, os moradores relacionam-se entre si e com o entorno de modo bastante familiar, e eu diria até peculiar. Dificilmente em outros bairros da cidade as pessoas ainda se cumprimentam pelo nome, sentam-se a porta para socializar ou ainda se mobilizam para ir atrás de direitos e melhorias, mas na Cidade Velha isto é bem comum e intrigou-me bastante na época, pois eu vinha de um contexto completamente diferente, em meu bairro, a história e a memória parecem não fazer mais parte da vida das pessoas.

Conto isto para contextualizar como o grafite visibiliza as memórias e histórias do bairro da Cidade Velha, seja por oficinas que ainda são realizadas nos espaços culturais do bairro, seja nas ações individuais de artistas que, como Igor, se utilizam da técnica para contextualizar suas relações com o bairro, também através do Circular.

Fiz uma exposição no então Atelier do Porto, nesse mesmo ano lembro de ter sido convidado pra segunda ocupação da metalúrgica Santa Teresinha, mas não lembro se ocorreu em alguma edição do circular, mas essa ocupação da metalúrgica deu início aos movimentos do Grupo Aparelho e ocupação do Porto do Sal que gera várias atividades, oficinas ,espetáculos teatrais e etc, lembro de várias edições do circular ir fazer intervenções urbanas nesses áreas como forma de ocupar o espaço e trazer visualização de alguma forma. (IGOR OLIVEIRA, 2020)

Conversando com Igor fica visível como a mobilização social cria uma rotina artística e cultural para a cidade, onde se aproveita o momento para criar-se conexões artística e sociais em prol do desenvolvimento da cultura e da história local. Segundo Beiguelman (2018), a Arte nos faz acessar as memórias e a histórias silenciadas, o que permite a criação de outros pontos de vista, tornando o espectador um interprete dos fatos, emancipando seu olhar e sensibilizando-o para refletir seu contexto social. Práticas que estão sendo fomentadas por meio da visibilidade do Circular, que traz a mobilização para o digital, possibilitando que as redes criativas já construídas permaneçam fortalecidas.

Conversando com algumas pessoas que acompanharam o Circular Digital, todos me relataram que o acessaram por já terem conhecido o projeto anteriormente. Isto reforça a ideia de que o contexto de pandemia trouxe o público da vida real para o digital, do *offline* para o *online*, e é unanimidade a compreensão que, ao se realizar um formato digital, construiu-se uma nova forma de vivenciar e experimentar as Artes Visuais paraenses. Quando converso com os interlocutores da pesquisa sobre o viés educativo agregado ao projeto, o entendimento se amplia conforme os trechos que destaco abaixo:

[...] não se pode separar arte e educação, assim como não se separa arte e política. Um gesto artístico sempre será, em maior ou menor medida, com intenções conscientes ou não, um gesto político, é um gesto educativo [...] O povo tem as suas próprias ferramentas de educação, e sua Cultura reitera seu compromisso com a vida, com a história da cidade. Para quem esteja atento a esses movimentos sociais, políticos e culturais, os aprendizados serão abundantes. (Renato Torres, 2020)

[...] todas essas ferramentas [museus, passeio geoturístico, apresentações de dança e música e venda de artesanato inspirado na cultura indígena] você pode estar ensinando e educando uma pessoa sobre a cultura paraense e sobre como é que as pessoas vivem aqui, é muito Educacional é uma aula interativa onde a pessoa vai aprender sobre a cultura paraense sobre a história paraense na prática. (Maynara Siqueira, 2020)

Aqui, acredito que, consigo demonstrar o contexto da Educação Popular que sinalizo dentro das mediações culturais realizadas no Projeto Circular. Segundo Gadotti (2012), a Educação Popular vem se reinventando, incorporando novas conquistas, como por exemplo a tecnologia, e busca se relacionar com novos temas, como a migração, diversidade, sustentabilidade, questões de idade, gênero, sexualidade, emprego e renda, ou seja, mantendo-se fiel a uma leitura de mundo em novas conjunturas. Deste modo, relaciono as Artes Visuais e essas novas percepções acerca da Cultura como mediadoras que desenvolvem o conhecimento e o saber do mundo de forma horizontal e construtivista para o público, que por sua vez, interage trazendo suas próprias leituras, relacionando-as com as experiências culturais disponíveis, que por hora se farão presentes no mundo digital, não por enfraquecimento, mas por resistência.

Considerações Finais - Para onde iremos?

Receio não saber responder a esta pergunta, e suspeito que de fato ninguém saiba. Até desconfio dos que dizem saber, mas gosto de pensar que estamos indo para uma lógica de possibilidades mais amplas. O contexto da pandemia tirou o véu,

escancarou as desigualdades socioeconômicas e as relações “invisíveis” que desejam manter esse modelo. Isto gerou uma forte mobilização de reflexão, de como podemos modificar nosso comportamento de consumo, de relacionamento com o outro e com nós mesmos. Isso pode fazer com que criemos soluções mais criativas e acolhedoras, e assim trilhar um caminho diferente do que foi trilhado até hoje. A verdade está revelada. Agora temos que escolher uma nova utopia.

Uma utopia idealizada por Paulo Freire foi o movimento da Educação Popular no Brasil, e suas práticas criaram apontamentos para o desenvolvimento de um modelo educativo baseado na leitura da realidade e no reconhecimento do ensino e da aprendizagem inseparáveis da pesquisa, da cultura popular e da participação da comunidade. Isto se liga intimamente quando pensamos em um caminho mais acessível para as Artes Visuais e para a Cultura, pois é no fazer contextualizado e significativamente comprometido com as mudanças sociais que as Artes Visuais visibilizam as relações hegemônicas de dominação já estruturalizadas na Cultura, servindo assim para propor o debate crítico em busca de criar novas percepções socioculturais.

Em Belém sinalizo que isto ocorre nas mediações culturais realizadas dentro do Projeto Circular, que fortalecem as manifestações artísticas e culturais disponibilizando para o ano de 2020, no contexto do distanciamento social, sua 30ª edição exclusivamente por plataformas digitais. Isto poderia motivar um silenciamento maior nas Artes Visuais e na Cultural local. No entanto, desdobrou-se, ao meu ver, em uma resposta consciente e significativa para o compromisso da continuidade do consumo e da fruição artística e cultural na cidade.

Em tempos de pausa, reflito constantemente como as Artes Visuais estão explicitando as demandas sociais do presente através de produções socioculturais, que se desdobram em propostas de ensino e aprendizagem, os quais trilham um caminho alternativo à lógica formal. Isto abre novas perspectivas para pesquisas sobre Artes Visuais, pois amplia tanto o papel da Educação, como também o das Artes Visuais a um contexto cada vez mais protagonista, voltado às nossas demandas pessoais e coletivas, que podem e já estão culminando em estratégias de mobilização e crítica social para o desenvolvimento de um futuro mais significativo, não somente para Belém, mas também para o resto do mundo. Isso me parece ser uma saída animadora à esquerda. Uma utopia que estou interessada em trilhar por agora.

Notas

¹ Belém é a capital do estado do Pará, localiza-se na região norte do país e tem aproximadamente 1.500.000 de pessoas. (IBGE, 2020)

² A pesquisa sobre Artes Visuais diferencia-se da pesquisa em Artes Visuais, pois sua construção metodológica perpassa por analisar o produto final da obra, seus processos de significação e códigos semânticos, seus efeitos no contexto social, seus processos de legitimação e circulação. (REY, 1996)

³ Artigo apresentado no IX Fórum Bienal de Pesquisa em Arte. Evento implantado no ano de 2002 pelo então Núcleo de Artes da Universidade Federal do Pará - NUAR/UFPA, é atualmente uma realização do PPGARTES, totalizando 15 anos de atuação. Trata-se de um espaço institucionalizado de debates e de socialização de pesquisas nas diversas linguagens artísticas em interface com outras áreas do conhecimento, realizadas por profissionais da UFPA e de outras IES, assim como por aqueles vinculados a instituições de Ensino Básico Profissional. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, 2020)

⁴ Ecocídio é a destruição exagerada e deliberada de um ecossistema. (Revista Brasileira de Políticas Públicas, 2018)

⁵ A Belle Époque Paraense teve seu início no século XIX, sendo seu período mais representativo no primeiro Ciclo da Borracha nos anos de 1879 à 1912, o que ostentou a cidade de Belém grande protagonismo econômico que proporcionou intensivas modernizações urbanísticas e arquitetônicas, deixando a cidade conhecida como Paris'n America. (COELHO, 2011)

⁶ O Sistema Integrado de Museus e Memoriais - SIM/SECULT/PA - administra algumas das principais unidades museológicas na cidade de Belém, sendo elas: Museu de Arte Sacra, Museu do Círio, Forte do Presépio, Museu da Imagem e do Som, Museu do Estado do Pará, Museu de Gemas, Memorial da Navegação e Memorial do Porto. (GLUSEUM, 2020)

⁷ Guy Veloso é formado em Direito e fotografa desde 1989 com diversas publicações e mostras nacionais e internacionais. Participou da 29ª Bienal Internacional de São Paulo, em 2010. Foi curador-chefe de Fotografia Contemporânea Brasileira na XXIII Bienal Europalia Arts Festival, em Bruxelas, na Bélgica, 2011/12. Artista convidado para a Biennial of the Americas de 2017, no Museo de las Americas em Denver, Colorado, nos Estados Unidos. O assunto religião é o mais recorrente em seu trabalho, especialmente o uso do corpo como transcendência. (PIPA, 2020)

⁸ Igor Oliveira iniciou sua carreira em meados de 2010 expressando a arte em forma de desenhos e ilustrações. Participou de movimentos de intervenção de arte nas ruas como o Conexão Rodovia Crew, Projeto R.U.A (Rota Urbana pela Arte) e o projeto Despintados. O artista também participou de expôs no Ateliê do Porto e foi premiado no 23º salão de arte: primeiros passos do CCBEU, onde levou o segundo lugar, com as obras Casas Flutuantes. (TODA on, 2020)

⁹ Uma iniciativa da artista visual Drika Chagas, em ocupar a Cidade Velha, através de grafites inspirados nas narrativas dos moradores do bairro mais antigo de Belém (QUARESMA, 2013)

¹⁰ Estação das Docas, localizada no bairro da Cidade Velha, é um complexo turístico e cultural que congrega gastronomia, cultura, moda e eventos nos 500 metros de orla fluvial do antigo porto de Belém. São 32 mil metros quadrados divididos em três armazéns e um terminal de passageiros. (GOVERNO DO PARÁ, 2020)

¹¹Complexo Ver-o-Peso foi tombado como patrimônio histórico pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em 1977. Maior mercado a céu aberto da América Latina, o Ver-o-Peso oferece produtos típicos do Pará. Peixes, frutas, sementes e salgados são algumas das especialidades que o mercado oferece. PREFEITURA DE BELÉM, 2020)

Referências

BARBOSA, Ana, Mae. **Mediação Cultural é Social**. In: Arte/educação como mediação cultural e social. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

BEIGUELMAN, Giselle. Impulso Historiográfico. **Revista SELECT 40**, Primavera 2018, pp. 178–191

COELHO, Geraldo Mártires. Na Belém da belle époque da borracha (1890-1910): dirigindo os olhares. **Revista Escritos**, Rio de Janeiro, Ano 5º, Nº 5. 2011. Disponível em:

ISSN 2175-8212 – Anais do 29º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. [recurso eletrônico]. RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso; ROCHA, Cleomar (Orgs). Goiânia: Anpap, 2020.

<http://www.casaruibarbosa.gov.br/escritos/numero05/artigo08.php>. Acesso em: 23 de mai. 2020.

COUTINHO, Regiane, **Estratégias de mediação e a abordagem triangular**. In: Arte/educação como mediação cultural e social. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CLIFFORD, James. **Sobre a autoridade etnográfica**. In: CLIFFORD, J. A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998. p. 17-62.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. **Que Fazer: Teoria e Prática em educação popular**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

GADOTTI, Moacir. Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum, p. 10-32 **Revista Diálogos: pesquisa em extensão universitária**. IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: domínio epistemológico. Brasília, v.18, n.1, dez, 2012

GLUSEUM. **Sistema Integrado de Museus e Memória**. Disponível em: <https://www.gluseum.com/BR/Bel%C3%A9m/902059533191530/Sistema-Integrado-de-Museus-e-Memoriais--SIM-Secult-PA>. Acesso em: 23 de mai. 2020.

GOVERNO DO PARÁ. **Estação das docas**. Disponível em: <http://www.estacaodasdocas.com/>. Acesso em 23 de mai. 2020.

PROJETO CIRCULAR. Institucional. **O projeto**. 2019. Disponível em: <http://www.projetocircular.com.br/institucional/o-projeto/> Acesso em: 13 de nov. 2019

PEIRANO, Marisa. **A eterna juventude da antropologia: etnografia e teoria vivida**. Disponível em: http://www.marizapeirano.com.br/capitulos/2018_a_eterna_juventude_da_antropologia_2.pdf. Acesso em 13 de nov. 2019.

PREFEITURA DE BELÉM. **O Ver o Peso**. Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/ver-belem/detalhe.php?i=1&p=363>. Acesso em 24 de mai. 2020.

QUARESMA, R. **Projeto R.U.A. / Rota Urbana pela Arte**. Disponível em: <https://xumucuis.wordpress.com/2013/08/22/projeto-r-u-a-rota-urbana-pela-arte/>. Acesso em: 22 de mai. 2020

TODA ON: **Exposição “Devaneios” apresenta regionalismos sob o olhar do artista Igor Oliveira**. Disponível em: <http://todaon.com.br/exposicao-devaneios-apresenta-regionalismos-sob-o-olhar-do-artista-igor-oliveira/>. Acesso em: 23 de mai.2020.

REY, Sandra. Da prática a teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em Poéticas. **Revista de Artes Visuais**. Porto Alegre, v.7,n.13 (1996). Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/27713/16324>. Acesso em: 21 de mai. 2020.

VIEIRA, Manuela; SILVA, Haroldo Felipe. **Projeto Circular: capital social e experiências culturais na cidade de Belém**. Culturas Midiáticas. Revista do Programa de Pós- Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba. Ano IX, n. 17 - jul-dez/2016 - ISSN 1983-5930 – Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/cm>>. Acesso em: 18 de mai. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. **IX Fórum Bienal de Pesquisa em Artes**. Disponível em: <https://www.even3.com.br/9fbpa/>. Acesso em: 23 de mai. 2020

Camila Freire

Atualmente mestranda no Programa de Pós Graduação em Artes da UFPA, sob a orientação da Profª Drª Rosângela Marques de Britto, com a pesquisa em andamento intitulada “Mediações entre Artes Visuais e Educação Popular: Projeto Circular uma experiencia de educação popular”. Sou integrante dos grupos de pesquisas “Arte, Memórias e Acervos na Amazônia” e “Memória das Artes Visuais: Etnografia, Curadoria, Experimentação e Educação”. Professora efetiva do município de Ananindeua/PA. Contato: freire.camila@gmail.com